



SALTO ALTO E BOTAS: REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NAS PRÁTICAS EQUESTRES EM PORTO ALEGRE/RS PRODUZIDAS PELA REVISTA DO GLOBO (1929-1967)

Ester Liberato Pereira¹
Janice Zarpellon Mazo²

Introdução

O presente estudo trata das representações construídas pela Revista do Globo acerca das mulheres nas práticas equestres em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, no período de 1929 a 1967. A Revista do Globo, a qual, neste estudo, também passará a ser identificada pela sigla RG, foi um quinzenário que abordava a cultura e a vida social do Estado, perdurando ao longo de quase quatro décadas (1929-1967).

Dentre as práticas esportivas que tiveram reportagens veiculadas a seu respeito na referida revista, encontram-se as práticas equestres, principalmente o turfe e o hipismo. O turfe é uma prática esportiva que exerceu influência nos aspectos da formação sociocultural de Porto Alegre, bem como, provavelmente, do estado do Rio Grande do Sul. Segundo os estudos de Roessler e Votre (2002) e Melo (2007a), o turfe constitui uma prática esportiva equestre que envolve corridas de velocidade de cavalos, estruturadas e organizadas por clubes.

Diferentemente do turfe, o hipismo é uma prática esportiva equestre olímpica, em que é composto um conjunto entre o animal e o atleta – cavaleiro, referindo-se ao sexo masculino, ou amazona, tratando-se do sexo feminino. Neste artigo, dentre as reportagens referentes ao hipismo, serão tratadas somente aquelas relacionadas à prática de saltos, uma vez que, além de ser olímpica e pan-americana, é a mais difundida dentre as práticas reconhecidas pela Confederação Brasileira de Hipismo (CBH), de acordo com Vieira e Freitas (2007).

O *salto* consiste em uma prova realizada em pista de areia ou grama, onde o cavaleiro/amazona deve transpor obstáculos montando em seu cavalo (ROESSLER; VOTRE,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME) vinculado ao Centro de Estudos Olímpicos (CEO) da ESEF/UFRGS. ester_lp@yahoo.com.br

² Professora adjunta da UFRGS, atuando nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física e no PPGCMH da ESEF/UFRGS. Coordenadora do NEHME. janmazo@terra.com.br



2002). É de suma importância ressaltar o fato de que o hipismo constitui uma das poucas práticas esportivas em que homens e mulheres competem entre si com igualdade.

Movido por essas considerações, o objetivo da pesquisa é identificar quais as representações das mulheres nas práticas equestres do turfe e do hipismo em Porto Alegre que foram produzidas pela Revista do Globo, entre 1929 e 1967. Caracterizando-se como um estudo histórico, buscou-se contemplar o objetivo proposto utilizando como apoio teórico-metodológico, a História Cultural (PESAVENTO, 2008; BURKE, 2005), por essa partir do pressuposto de que a realidade social é culturalmente construída e que práticas produzem representações. Desta forma, foi possível visualizar as práticas equestres como um veículo capaz de produzir representações e a Revista do Globo como um meio de reprodução social dessas. Assim, procedeu-se a análise de conteúdo das reportagens publicadas pela Revista do Globo (1929-1967) sobre as práticas esportivas equestres do turfe e do hipismo através do catálogo “O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo” (MAZO, 2004).

O pesquisador deve ler de forma intensa, ou seja, privilegiando a qualidade da análise, sendo que esse pode buscar em Bardin (1977) essa qualidade, uma vez que essa autora afirma que a análise de conteúdo constitui-se em uma procura de outras realidades através das mensagens. Foi através dessa análise e de um vasto número de imagens e informações acerca do turfe e do hipismo – seus atletas, cavalos e competições – ao longo de 72 reportagens referentes ao turfe e 24 referentes ao hipismo – que foram construídas representações sobre estas práticas equestres esportivas. Da mesma forma, foram produzidas representações culturais acerca de seu contexto e da participação masculina e feminina em cada uma destas práticas.

Sob o olhar de Scott (1995), a emergência do termo “gênero” se processa a partir dos estudos feministas contemporâneos, caracterizando-se como uma tentativa de elaboração de uma teoria que proporcionasse formas de se analisar e, posteriormente, explicar as constantes desigualdades entre homens e mulheres. Ao adotar a noção de “gênero” como parte do aparato conceitual e linha analítico-interpretativa, se tem a oportunidade de desconstruir a representação engendrada de que homens e mulheres constroem-se masculinos e femininos baseados nas diferenças corporais, as quais justificariam determinadas desigualdades, atribuindo funções sociais, determinando papéis a serem desempenhados por cada sexo (GOELLNER, 2007).

Em razão de esta revista ser um dos meios de comunicação de massa que documentou a cultura corporal e esportiva do Rio Grande do Sul, torna-se relevante este estudo, assim como a possibilidade de recuperar a memória das práticas equestres do turfe e do hipismo sul-rio-



grandenses como práticas esportivas de destaque, no período das décadas de 1930 a 1960. Desta forma, a principal colaboração desse estudo é uma compreensão da influência das práticas equestres para os aspectos socioculturais ao longo da construção histórica da cidade de Porto Alegre.

Nesse sentido, procurou-se contribuir para a concepção de um mapa histórico cultural das práticas esportivas no Estado, uma vez que a presente pesquisa está inserida em um dos eixos do projeto mais amplo, denominado *Memórias do Esporte e da Educação Física no estado do Rio Grande do Sul* do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME), vinculado ao Centro de Estudos Olímpicos (CEO) da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

As mulheres no cenário esportivo porto-alegrense

A Porto Alegre do final dos anos 1920 e início dos anos 1930 apresentava-se em plena modificação não somente de seu colorido e de seu traçado, mas também de seus elementos sociais e étnicos. A população da capital crescia rapidamente, inclusive com a chegada de muitos imigrantes. Essa é a época em que a cultura europeia e norte-americana passava a influenciar os porto-alegrenses, favorecendo uma modificação na cultura local (JÁ EDITORES, 1997).

Dentre as diversas pedagogias que tomam parte nesse movimento, destaca-se a pedagogia corporal, fazendo com que a prática esportiva passasse a determinar normas de beleza e saúde, simplificando e unificando. Às mulheres, no entanto, cabia somente a função de meras espectadoras dos feitos masculinos, observando timidamente das arquibancadas não somente dos estádios, como também dos hipódromos. Era nestes locais que, nos domingos porto-alegrenses, uma das principais atrações esportivas e de lazer ocorria: as corridas de cavalos, um costume dos europeus. Nesse ambiente, no entanto, a presença feminina restringia-se à assistência e ao embelezamento do espetáculo, atuando como objetos elegantes de companhia aos pais ou maridos.

Porém, com o começo da luta feminina pelos seus direitos, além da quebra de muitos preconceitos, muitas transformações e ideias surgiram ao nível mundial. Nesse sentido, paulatinamente, muitos hábitos e costumes passaram a ser modificados, com o aceite do sexo feminino como parte ativa e integrante da sociedade porto-alegrense.

Um possível exemplo dessa paulatina, porém constante mudança observa-se em outro espaço de diversão e lazer de Porto Alegre, nesse momento: as hípicas, onde se realizavam inúmeras festas contando com a presença de importantes e destacados membros da sociedade da época, ladeados por autoridades. Destacam-se a seção Hípica do *Country Club*, a Sociedade Hípica



Rio-Grandense e a Sociedade Hípica Porto-Alegrense. Esses eventos contavam também com a presença de militares do Exército e da Brigada Militar, além da significativa presença feminina nas disputas a cavalo (FESTA..., 1932). A equitação, portanto, admitia a participação das mulheres em Porto Alegre.

Os anos 1940 e 1950 marcaram o auge dos bailes da elite porto-alegrense no Clube do Comércio, nas festas de caridade na Sociedade Leopoldina Juvenil, nos bailes de gala do clube de golfe – *Porto Alegre Country Club*, no *Jockey Club* e nos clubes de vela da zona sul da cidade. Além disso, muitas práticas esportivas foram introduzidas em Porto Alegre pela iniciativa dos clubes. A partir daí, os eventos esportivos foram assumindo uma dimensão essencial na vida urbana.

Ao longo da primeira metade do século XX, as mulheres abandonaram o anonimato e, dessa forma, atuaram de distintas maneiras no contexto dos esportes vigentes na época: assistindo às provas de turfe; emprestando seu nome para batizar os barcos de remo; participando das sessões de ginástica alemã e atletismo; acertando o alvo no bolão e no tiro ao alvo; e acelerando no automobilismo; enfim, praticando esportes que, primeiramente, foram recomendados para os homens. Neste sentido, as mulheres, no cenário das práticas esportivas na cidade de Porto Alegre, oscilaram entre o lugar de espectadoras e protagonistas (MAZO et al, 2009).

Imagens da mulher no turfe porto-alegrense

Muito além de simplesmente proporcionar informações sobre as corridas de cavalos, jóqueis, cavalos, hipódromos, assistência, etc., a RG produziu representações sobre as mulheres nesse contexto. E, no conjunto destas representações, eventualmente, uma imagem acerca da mulher no turfe é construída.

A imprensa, de forma geral, costumava estar intimamente relacionada ao cotidiano turfístico. Seu papel foi de extrema importância, divulgando o esporte e atraindo a população porto-alegrense para assistir às corridas de cavalos (PEREIRA, 2008), as quais eram noticiadas periodicamente pela imprensa escrita. Destaca-se a publicação denominada *A Voz do Turfe*, revista especializada em turfe editada em Porto Alegre, na primeira metade do século XX, que fornecia informações sobre as corridas de cavalos semanais realizadas no Hipódromo Independência. Mostra-se, desta forma, a importância que esta prática equestre possuía na sociedade porto-alegrense.



Incluída entre os veículos impressos que noticiavam o turfe, está a RG. Nela, se denota que nas primeiras reportagens acerca do turfe em Porto Alegre, em 1929, destacam-se imagens de mulheres vestidas elegantemente, jamais descuidando de chapéus, colares, longas saias e saltos altos (NAS CORRIDAS..., 1929). Além disso, sua presença parece estar sempre condicionada à companhia de uma figura masculina, como pai, marido, etc.

Aproximadamente na época em que o turfe atingiu seu período áureo em Porto Alegre, na década de 1890, ocorreu a consolidação do principal e mais importante hipódromo da cidade – o Hipódromo Independência – tornando-se o espaço preferencial da elite porto-alegrense, mobilizando, inclusive, o público feminino (BISSÓN, 2008). Conforme Melo (2007a), apesar de o turfe ter se configurado como uma das práticas que possibilitou o começo da inserção da mulher na vida social, a partir de meados do século XIX, essa presença nos prados restringia-se às arquibancadas, desfilando seus belos vestidos da última moda e penteados.

Nas primeiras décadas do século XX, com o processo de modernização em voga em Porto Alegre, ainda podia-se testemunhar a presença das mulheres da mesma forma e com o mesmo objetivo no cotidiano dos hipódromos. Nesse período, início do século XX, a natureza da mulher era frequentemente identificada como sendo muito frágil, defendendo a ideia de que a função da mulher no contexto das práticas esportivas corresponderia, predominantemente, à assistência (GOELLNER, 2004) e, desta forma, adornavam o cenário.

No entanto, apesar da evolução cultural, econômica, social e política de Porto Alegre, percebe-se que a essência da imagem feminina representada pela RG não foi significativamente alterada em 1967 daquela construída em 1929. A cidade rumava do rural para o urbano, o moderno. Todavia, os hábitos patriarcais típicos da aristocracia rural luso-brasileira associada ao turfe porto-alegrense, (MAZO; PEREIRA; MADURO, 2009) pareciam tentar resistir ao avanço do tempo, encontrando no contexto desta prática equestre um dos prováveis últimos resquícios predominantes dessa forma de organização social em que o homem representa o sexo forte e a mulher a fragilidade elegante. Disso, possivelmente, decorrem as identidades de gênero hegemonicamente aceitáveis do homem como um jóquei – forte e dominador de um animal -, como apostador, proprietário de cavalos e treinador – detentor do saber – e da mulher como acompanhante embelezadora – frágil e submissa.

Mulheres assumindo as rédeas no hipismo porto-alegrense



A interpretação de um determinado fato elaborada pelos autores das reportagens, bem como a seleção dos acontecimentos e a construção da informação, são os mecanismos utilizados pela imprensa para criar *uma* realidade (DALMÁZ, 2002). Portanto, faz-se necessário traçar as características fundamentais de um determinado meio de comunicação, o qual se pretende consultar para uma dada pesquisa.

Uma vez cientes de que a RG caracterizou-se como um veículo formador de opinião, como já salienta Dalmáz (2002), pode-se questionar o porquê de não encontrarmos em suas páginas uma reportagem ou um comentário atentando para o seguinte paradoxo: se no contexto do turfe a participação das mulheres não ultrapassava os limites da coadjuvante companhia elegante, como pôde não ser estranhado o protagonismo por elas assumido na prática do hipismo? Desafiando a concepção hegemônica de fragilidade feminina, vigente na época, estas mulheres praticantes de hipismo, como o próprio nome sugere, amazonas, conforme Adelman (2006, p. 16), “exercitavam sua competência em atividades cujos riscos e desafios supostamente descaracterizariam um sujeito feminino”. No entanto, por meio de cuidados com o corpo, com a beleza e com a indumentária, não deixavam de produzir e reproduzir normas vinculadas à construção do feminino. Já em 1932, a Revista apresentava inúmeras imagens de mulheres participando sobre seus cavalos de uma festa hípica dominical realizada na extinta Sociedade Hípica Rio-Grandense, no Campo da Redenção (FESTA..., 1932).

No Rio Grande do Sul, o ato de montar a cavalo era um atributo exclusivamente reservado aos homens, por estes possuírem uma lida diária com o cavalo – instrumento de guerra e de trabalho. As mulheres, inicialmente, utilizaram o cavalo por meio de charretes ou carroças. Sendo assim, a prática do hipismo carrega a longa tradição de constituir um espaço acessível, pelo menos formalmente, a ambos os sexos (ROJO, 2007).

Porém, esta característica de abertura a homens e mulheres nas competições hípicas pode ser devida a uma possível dupla origem desta prática esportiva equestre. O hipismo, além de apresentar seus primórdios no contexto das práticas militares associadas à cavalaria, também encontra a sua origem nas atividades aristocráticas européias, como as caçadas e demais práticas de lazer das famílias nobres, das quais eram adeptos homens e mulheres (ROJO, 2007).

E é justamente acerca deste caráter aristocrático que uma aproximação pode ser feita entre ambas as práticas equestres, turfe e hipismo: suas tribunas oficiais sempre contavam com a presença de autoridades e representantes da alta sociedade. Outro fato relevante é o de que as matérias acerca do hipismo na RG trazem sobrenomes de distintas etnias européias, dentre as quais se destacam a



portuguesa e a alemã. Os teuto-brasileiros, em especial, foram os fundadores de associações esportivas que abarcavam inúmeras práticas, como a ginástica, o remo, o tiro, etc. (MAZO, 2003), sendo, portanto, incentivadores de uma participação mais ativa nos esportes; nesse sentido, podem ter influenciado as mulheres de forma mais proeminente a arriscar os primeiros saltos a cavalo em Porto Alegre.

A presença participativa das amazonas é sempre realçada nas reportagens acerca dos festivais hípicas em Porto Alegre pela revista, a qual destaca que as mulheres “dirigiam com habilidade suas montadas” (QUINZENA..., 1939, p. 48). A partir disso, evidencia-se uma postura fundamentalmente oposta ao tratar da participação feminina entre o turfe e o hipismo: se uma mulher era hábil sobre um cavalo que salta, por que não poderia o ser sobre um cavalo que galopa velozmente? Uma possibilidade são as distintas características entre ambas as práticas: uma poderia oferecer mais riscos que outra. Ou, provavelmente, as diferentes origens históricas e etno-culturais poderiam explicar tais representações tão distintas acerca das mulheres em cada uma dessas práticas em Porto Alegre.

Considerações finais

Porto Alegre, no período de 1930 a 1970, apresentava-se em plena modificação do seu colorido e de seu traçado. Os porto-alegrenses eram influenciados pela cultura europeia e, posteriormente, também norte-americana, favorecendo uma modificação na cultura local.

Nesse contexto, a RG veiculava imagens de mulheres no cotidiano turfístico de Porto Alegre vestidas sempre elegantemente e usando adornos como chapéus e colares. Além disso, sua presença parecia estar sempre condicionada à companhia de uma figura masculina.

Nas primeiras décadas do século XX, com o processo de modernização instalando-se em Porto Alegre, ainda podia-se testemunhar a presença das mulheres da mesma forma e com o mesmo objetivo no cotidiano dos hipódromos. Nesse período, início do século XX, a natureza da mulher era frequentemente identificada como sendo muito frágil, defendendo a ideia de que a função da mulher no contexto das práticas esportivas corresponderia, predominantemente, à espectadora.

No entanto, apesar das mudanças no cenário cultural, econômico, social e político de Porto Alegre, percebe-se que a essência da imagem feminina no turfe porto-alegrense representada pela RG não foi significativamente alterada em 1967 daquela construída em 1929. Os hábitos patriarcais típicos da aristocracia rural luso-brasileira associada ao turfe porto-alegrense pareciam tentar resistir ao avanço do tempo, encontrando no contexto desta prática equestre um dos prováveis últimos



resquícios predominantes dessa forma de organização social em que o homem representa o sexo forte e a mulher, a fragilidade.

Já com relação ao hipismo, a presença participativa das amazonas nessa prática é sempre realçada nas reportagens acerca dos festivais hípicos em Porto Alegre pela revista, a qual destaca que as mulheres demonstravam muita habilidade ao montar seus cavalos. A partir disso, evidencia-se uma postura fundamentalmente oposta ao tratar da participação feminina entre o turfe e o hipismo. Neste, certo protagonismo é conferido às mulheres ao destacar, inclusive, suas vitórias em competições em que homens competiam com elas igualmente.

Uma possível explicação são as diferentes origens históricas e etno-culturais de cada uma destas práticas, as quais poderiam explicar tais representações tão distintas acerca das mulheres no turfe e no hipismo em Porto Alegre. O turfe, em razão de sua origem aristocrática patriarcalista rural luso-brasileira limitaria a participação feminina à assistência, ao passo que o hipismo, associado a mais de uma etnia de origem europeia – trazendo os influentes ideais das lutas femininas e apresentando novas perspectivas para as brasileiras – propunha uma nova perspectiva de protagonismo às mulheres.

Essa identidade de gênero conferida às mulheres no hipismo representada nas páginas da Revista do Globo - coragem, habilidade - tão distinta daquela oferecida a elas pela mesma Revista no contexto do turfe – fragilidade -, parece evidenciar o salto almejado há muito tempo, não somente no contexto esportivo e equestre. Talvez, poderia refletir uma iminente superação de um obstáculo mais amplo, de dificuldades e conquistas socioculturais.

Bibliografia

ADELMAN, M. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. *Movimento*, Porto Alegre, v.12, n.01, p.11-29, janeiro/abril de 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2889/1525>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Portugal: Edições 70, 1977.

BISSÓN, C. *Moinhos de Vento: histórias de um bairro de elite de Porto Alegre*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura: IEL, 2008.

BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DALMÁZ, M. *A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.



FESTA Hípica. 02/07/1932, n. 90, p. 11. In: MAZO, Janice. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

GOELLNER, S. V. *Mulher e Esporte em Perspectiva*. 2004. Disponível em <http://www.cbtm.org.br/scripts/arquivos/esporte_mulher.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2008.

GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 174 -196, mai/ago 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3554/1953>>. Acesso em: 21 fev. 2010.

JÁ EDITORES, Equipe. *História ilustrada de Porto Alegre*. Projeto enquadrado na Lei Estadual 10.846, de estímulo à produção cultural. Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, 1997.

MAZO, J. Z. *Emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira*. 2003. 396 f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto). Faculdade de Ciências do Desporto - Universidade do Porto, Portugal.

MAZO, J. Z. *Esporte e Educação Física na Revista do Globo: Catálogo e Texto 1929-1967*. Porto Alegre: PUCRS/Laboratório de Acervos Digitais, 2004 (Catálogo e Texto), CD-ROM.

MAZO, J. Z. ; PEREIRA, E. L.; MADURO, P. A. Do alto da arquibancada: um olhar sobre a presença feminina no turfe de Porto Alegre (1875/1910). In: 4º Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, 2009, Rio Grande. *Anais do 4º Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade*. Rio Grande, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, v. 4, CD-ROM.

MAZO, J. Z. ; SILVA, C. F.; PEREIRA, E. L.; KILPP, C. A trajetória das mulheres no associativismo esportivo em Porto Alegre/RS, na transição do século XIX para o XX. In: 2º Simpósio Internacional Gênero, Arte e Memória, 2009, Pelotas. *Anais do 2º Simpósio Internacional Gênero, Arte e Memória*. Pelotas, Universidade Federal de Pelotas, v. 2, p. 157-167, CD-ROM.

MELO, V. A. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas: Autores Associados, 2007.

NAS CORRIDAS da Protectora do Turf. 20/04/1929, n. 7, p. 33. In: MAZO, Janice. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

PEREIRA, E. L. *A prática do turfe em Porto Alegre (1875/1910): alguns troços em meio a um vitorioso galope*. 2008. 53 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Porto Alegre. UFRGS/Escola de Educação Física.

PESAVENTO, S. J. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

QUINZENA Desportiva. 16/12/1939, n. 265, p.48-49. In: MAZO, Janice. *O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967*. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

ROESSLER, M.; VOTRE, S. O estado da arte dos esportes equestres no Brasil. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 2002, Ponta Grossa. *Anais do*



VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002, v.1.

ROJO, L. Igualdade de sexo e desigualdade de gênero: relações entre homens e mulheres no hipismo. *Omertaa*. Leuven, v. 2007/2. Disponível em <http://omertaa.org/index.php?option=com_content&task=view&id=36&Itemid=50>. Acesso em: 01 nov. 2009.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre, n.20, p.71-99, 1995.

VIEIRA, S.; FREITAS, A. *O que é hipismo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2007.